

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA JORDANA DE CARVALHO OLIVEIRA

**SOFRIMENTO EXTREMO NA ADOLESCÊNCIA E A FRAGILIZAÇÃO DOS  
LAÇOS SOCIAIS NO PERÍODO PÓS PANDEMIA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

MARIA JORDANA DE CARVALHO OLIVEIRA

**SOFRIMENTO EXTREMO NA ADOLESCÊNCIA E A FRAGILIZAÇÃO DOS  
LAÇOS SOCIAIS NO PERÍODO PÓS PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso –  
Artigo Científico, apresentado à Coordenação  
do Curso de Graduação em Psicologia do  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em  
cumprimento às exigências para a obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** M<sup>a</sup> Larissa Maria Linard  
Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

MARIA JORDANA DE CARVALHO OLIVEIRA

**SOFRIMENTO EXTREMO NA ADOLESCÊNCIA E A FRAGILIZAÇÃO DOS  
LAÇOS SOCIAIS NO PERÍODO PÓS PANDEMIA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: ME. LARISSA MARIA LINARD RAMALHO

Membro: ME. INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA

Membro: ME. JOEL LIMA JUNIOR

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

# SOFRIMENTO EXTREMO NA ADOLESCÊNCIA E A FRAGILIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS NO PERÍODO PÓS PANDEMIA

Maria Jordana de Carvalho Oliveira<sup>1</sup>

Larissa Maria Linard Ramalho<sup>2</sup>

## RESUMO

Com o surgimento da pandemia da covid-19 foi estabelecido o isolamento social com a finalidade de proteger toda a população do contágio do vírus SARS-CoV-2. Diante disso, foram necessárias o fechamento de vários estabelecimentos e instituições, como escolas que, conseqüentemente, causou o distanciamento dos adolescentes, mostrando uma nova perspectiva sobre a importância da saúde mental dos adolescentes e a importância dos laços sociais nessa fase. Assim sendo, é fundamental entender que o isolamento social proporcionou modificações psicológicas e sociais que afetaram a saúde mental dos adolescentes. Diante disso, o presente trabalho visa compreender como essa situação influenciou na vivência dos adolescentes através de uma pesquisa bibliográfica. Com o intuito de compreender as conseqüências do aumento do sofrimento extremo na faixa etária adolescente pós pandemia. Foram realizadas pesquisas através da base de dados National Library of Medicine (MedLine), SciELO e google acadêmico. Os adolescentes ficaram sujeitos a sofrer implicações biopsicossociais com o isolamento social. Dessa maneira, a família e os grupos sociais, desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento saudável desse período.

**Palavras-chave:** Sofrimento psíquico. Adolescente. Pandemia. Laços sociais.

## ABSTRACT

With the protection of the entire covid-19 pandemic, social isolation with protection of the entire population from the contagion of the virus SARS-CoV-2. Consequently, the members of various establishments and institutions were important, which, as a result of adolescents and the new phase of distancing adolescents, were a decoupling the importance of adolescent mental health, a decoupling of the importance of adolescent mental health. Therefore, understand that the globalized social isolation and social who love the mental health of adolescents. Therefore, the present work aims to understand how this situation influenced the experience of adolescents through a bibliographic research. In order to understand the suffering in adolescence and the weakening of social ties in the post pandemic period. Searches were carried out through the database of the National Library of Medicine (MedLine), SciELO and the google database. Adolescents began to suffer biopsy implications with social isolation. In this way, the family and social groups play a fundamental role in the healthy development of this period.

**Keywords:** Psychic suffering. Adolescent. Pandemic. Social ties.

---

<sup>1</sup> Email: jordanacarvalhoeep@gmail.com

<sup>2</sup> Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A COVID 19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, surgiu no final do ano de 2019, na China, foi reconhecida pela Organização Nacional da Saúde (OMS) como a sexta emergência de saúde pública que necessita de cuidados, sendo definida como pandêmica. As providências sanitárias de redução de contágio para certificar a proteção de todos, diminuir a transmissão e impedir a crise dos serviços de saúde se constituem como meios que alteram o cotidiano da vida dos indivíduos.

Especialmente, de acordo com a OMS, a pausa nos trabalhos das instituições de ensino como iniciativa para o controle de casos da COVID 19 tirou aproximadamente 1,5 bilhões de crianças e adolescentes das escolas. Escolas sem funcionar, provas e testes adiados, adiamento do término de ciclos ou etapas escolares, provocam uma suspensão nas rotinas e o isolamento em casa pode provocar nos adolescentes tristeza, medo, incertezas, distanciamento social dos parentes ou amigos, ansiedade e depressão, fatores que influenciam no bem-estar e qualidade de vida, além de ampliar a vulnerabilidade para passarem por várias formas de violência em suas casas (OLIVEIRA, 2020).

Com exceção do Brasil, a maioria dos governos ao redor do mundo fechou temporariamente as instituições de ensino para conter a propagação da pandemia do COVID-19. Segundo a UNESCO (2020), a medida afeta mais de 91% dos estudantes em todo o mundo. Por outro lado, há evidências de que quando as crianças estão fora da escola (por exemplo, durante as férias, feriados ou mesmo fins de semana), elas são menos ativas fisicamente, têm mais tempo de tela, padrões de sono irregulares e hábitos alimentares menos saudáveis, acarretando ganho de peso e perda da função cardiorrespiratória.

Além disso, sabe-se que a condição tem um grande impacto psicológico, e muitas vezes as questões relacionadas à saúde mental de crianças e adolescentes são negligenciadas. Estresse prolongado, medo de infecção, depressão, tédio, falta de informação, falta de contato pessoal com colegas, falta de espaço em casa e perdas financeiras na família podem ter efeitos mais duradouros nessa população. Em algum momento, no entanto, muitas famílias estarão lidando com a dor da perda de pessoas próximas.

Apesar da COVID-19 afetar pessoas de diversas idades, nível socioeconômico, etnia e sexo, a sensibilidade a esta doença está profundamente associada aos determinantes sociais do processo saúde e doença. Essa vulnerabilidade aumenta de acordo das condições financeiras, precariedade, modo de vida e falta de recursos essenciais, como proteção social, saúde e

educação. Dessa forma, vários adolescentes estão em condições de vulnerabilidade, principalmente nas periferias das cidades grandes.

No momento em que se defronta com uma nova doença e pandemia deve-se levar em conta os sentimentos acarretados da doença, risco e saúde, as percepções, a cultura, o acesso a prevenção, tratamento e cuidados, características na abordagem dos adolescentes. Em frente a este cenário, o objetivo deste estudo foi compreender as consequências do aumento do sofrimento extremo na faixa etária adolescente pós pandemia.

Compreendendo a discussão exposta, justifica-se a relevância pessoal desse trabalho no entendimento de desordens no campo afetivo que têm atingido níveis significativos durante a pandemia, possibilitando embasamento teórico para uma abordagem efetiva no processo de reversão de quadros de sofrimento psíquico em adolescentes. Para o âmbito acadêmico, ressalta-se a contribuição para a discussão que, apesar de estar ganhando cada vez mais espaço no âmbito científico, ainda possui um longo caminho a percorrer na compreensão do sofrimento extremo em adolescentes pós pandemia.

Diante disso, o presente artigo tem o intuito de descrever e contextualizar o que é adolescência, analisar as influências biopsicossociais na adolescência e compreender como a fragilização dos laços afeta a saúde mental dos adolescentes.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que será feita através da base de dados National Library of Medicine (MedLine), SciELO e google acadêmico, a mesma revisão não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Esse tipo de revisão é usado para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, é constituído principalmente da literatura publicada em livros, artigos de revistas, na interpretação e análise crítica do próprio autor.

A atividade básica da pesquisa bibliográfica é estudar material teórico sobre um tema de interesse. Precede o reconhecimento do problema ou questão definida como objeto de estudo. Isso significa que você pode e deve ler sobre o assunto antes mesmo de delinear seus objetivos de pesquisa, o que pode auxiliar no delineamento. A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para a estruturação eficaz de um processo de investigação, ou seja, após a seleção de um tema, é necessária uma revisão bibliográfica do tema mencionado. Esta pesquisa ajuda a escolher um método mais adequado, bem como a compreender as variáveis e a veracidade da pesquisa (ALYRIO, 2009).

No primeiro momento foi feita a identificação dos tópicos e escolhas das questões de pesquisa. Nesse momento, é possível formular hipóteses e articular ideias com o intuito de levar a melhores resultados. Para tanto, foram estabelecidas questões norteadoras para o estudo, incluindo a compreensão: das consequências do aumento do sofrimento extremo na faixa etária adolescente pós pandemia No segundo momento foi feita o estabelecimento de critérios de inclusão/busca na literatura, etapa que ocorreu entre agosto e novembro de 2022, incluindo estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, e posteriores buscas de artigos na base de dados. Dessa forma, buscou-se artigos originais e completos em inglês, espanhol, francês e português que mostrem o momento atual em 2022 e respondam ao objetivo do estudo que é investigar o aumento do sofrimento extremo na faixa etária adolescente pós pandemia.

### **3 ADOLESCÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL**

A fase da adolescência é importante para o estudo de diversas disciplinas científicas, pois começa a ter grande expressão na transformação das diferentes ordens que caracterizam o mundo contemporâneo. A transição para o mundo adulto torna-se cada vez mais complexa porque, historicamente, a descontinuidade entre o mundo da criança e o mundo adulto exacerba os preparativos de longo prazo em relação às sociedades primitivas; é menos institucionalizado, os papéis são menos definidos e, além disso, há maiores divisões para articular identidades, constituindo uma "transição" de uma sócio-psicológica para outra (DOMINGUES, 1997).

A adolescência é a fase de transição da infância para a vida adulta, determinada pelos impulsos do desenvolvimento social, físico, emocional, sexual e mental, pelas dedicações do sujeito em conquistar as metas relacionadas as expectativas culturais da sociedade em que estão inseridos. A adolescência tem início com as modificações do corpo durante a puberdade e finaliza quando o sujeito se aproxima de uma maior materialidade da noção de identidade, desenvolvimento e sua personalidade, alcançando sucessivamente sua independência econômica, além da inserção em seu grupo social (EISENSTEIN, 2005).

Essa etapa do desenvolvimento é retratada por Jean Piaget como a fase de desenvolvimento mais avançado equivalendo ao período das ações formais que acontecem comumente a partir dos 12 anos e continua até a vida adulta, de acordo com o autor é no período da adolescência que o indivíduo consegue ampliar esquemas conceituais teóricos, possibilitando que o adolescente se envolva em debates lógicos e soluções de problemas, sendo capaz de criticar os sistemas sociais e sugerir novos códigos de comportamento, transformando-o consciente do seu próprio pensamento, isto é, aprimorando capacidades metacognitivas,

auxiliando-o também na sua procura pela autonomia e identidade pessoal que são para o autor, as principais dificuldades da adolescência (RAPPAPORT, et al., 1981).

Essa preparação é basicamente delegada a instituições como escolas, cuja função é transferir conhecimentos e valores para atuação futura na vida, inclusive na carreira. Sendo focada para um momento anterior prova uma maior segregação da vida adulta e um atraso da maturidade social, desligada da maturidade fisiologia e sexual (DOMINGUES, 1997).

O tempo de espera (idealmente constituído pelos anos escolares) significa que os papéis ali desempenhados não atendem às necessidades das diferentes sequências que surgem no processo de formação dos jovens. Portanto, eles tendem a formar grupos espontâneos de pares nos quais ele pode formular tais respostas. Como esses grupos representam potenciais focos comportamentais para além da norma ou das propostas de mudança social, lança luz sobre o caráter problemático da composição dos grupos juvenis, pois desempenhará um papel decisivo na transmissão da herança sociocultural, através das gerações. É a partir daí que a juventude se tornará uma categoria social nas sociedades ocidentais, modernas e industriais, um problema na sociedade contemporânea (DOMINGUES, 1997).

Papalia e Feldman (2013) apontaram que a adolescência é um período que oferece oportunidades para o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, e que os jovens que desenvolvem relações de apoio com pais, escolas e comunidades apresentam um desenvolvimento de maior qualidade, ou seja, um desenvolvimento positivo e saudável. No entanto, muitos adolescentes enfrentam situações que colocam em risco sua saúde física e mental.

A família é um sistema muito importante que tem um grande impacto na vida dos adolescentes que fazem parte desse sistema. O ambiente familiar, bem como o ambiente socioeconômico e cultural em que os adolescentes vivem, afetam as relações entre os indivíduos. Portanto, uma boa estrutura familiar é muito importante para que possam enfrentar possíveis adversidades e conflitos (MONTEIRO et al., 2012).

Ribeiro et al. (2012) prossegue expondo que o auxílio social e afetivo vindo da família é um agente importante para o estado de saúde psíquica do adolescente, pois este suporte ajuda como um mecanismo de defesa para os traumas e estresses que possam acontecer no dia a dia. A carência de suporte vindo da família e o afastamento por parte dos amigos e grupos sociais, mostram que essas vivências são necessárias para a vida psíquica do indivíduo, pois na falta delas o adolescente poderá gerar pensamentos de que ele é rejeitado por todos.

Um dos autores que se destacam nessa temática é o norte-americano Jeffrey Arnett, que defende uma fase distinta no curso de vida para jovens em sociedades industrializadas



(chamados de adultos emergentes). De acordo com o autor, o termo adulto emergente é preferível por ser um termo novo que surgiu recentemente. Nas sociedades industrializadas, após meados da década de 1950, ocorreram mudanças comuns na vida dos jovens: maior acesso ao ensino superior, sexo antes do casamento mais natural, atrasos no casamento e na paternidade. Os adultos emergentes são, portanto, produto das características culturais dos países industrializados e pós-industrializados, e a intensificação do individualismo torna as práticas de socialização mais extensas e diversificadas, resultando em um atraso na conclusão das tarefas normativas de desenvolvimento que ingressam na vida adulta (CARNEIRO, 2015).

São propostas características que distinguem a idade adulta emergente da adolescência precedente e da idade adulta subsequente. A idade adulta emergente é um momento de exploração da identidade que começa na adolescência e se tornará menos fugaz. Há mais liberdade, menos controle dos pais, menos pressão para assumir compromissos adultos, por exemplo, os jovens podem explorar diferentes trabalhos com o apoio dos pais, que muitas vezes estão dispostos a arcar com certas despesas para os filhos, enquanto buscam as finanças independentes. Como resultado, os adultos emergentes também vivenciam uma idade precária, pois no decorrer dessa exploração da identidade, os jovens trocam de emprego; trocam de parceiros, com ou sem coabitação; mudam o rumo dos estudos, que podem ser interrompidos para ingressar no mercado de trabalho e depois começar tudo de novo (CARNEIRO, 2015).

É a fase do centramento em si mesmo, pois a exploração das possibilidades também provoca a necessidade de tomar decisões, gerando insegurança e incertezas, mas possibilitando maior desenvolvimento identitário. Outra característica dessa fase é o sentimento de “se sentir entre”, visto que os adultos emergentes não se sentem nem adolescentes nem adultos, mas sim no caminho para a adultez. Finalmente, a adultez emergente é a idade das possibilidades, na qual as expectativas para a vida adulta tendem a ser positivas, visto que os jovens nessa fase criam uma imagem idealizada acerca do futuro. Este é o estágio egocêntrico, pois a exploração de possibilidades também leva à necessidade de tomar decisões, gerando inseguranças e incertezas, mas pode solidificar o desenvolvimento da identidade. Outra característica desse estágio é o “sentir-se no meio”, pois os adultos emergentes não se sentem adolescentes ou adultos, mas estão a caminho da vida adulta. Por fim, a idade adulta é um momento de possibilidades e, durante esse período, as expectativas para a vida adulta tendem a ser positivas, pois os jovens nessa fase criam imagens idealizadas do futuro (CARNEIRO, 2015).

A adolescência deve ser entendida como o processo de transformação física e psicossocial da infância à idade adulta, em que a composição das disciplinas é moldada pela história e pela cultura. As mudanças subjetivas nos adolescentes ocorrem por meio da

transformação de fatores psicológicos internalizados, porém, além dos papéis culturalmente atribuídos a cada gênero, também são fortemente influenciados por aspectos culturais e sociais relacionados a 'padrões' comunicados na sociedade. Principalmente na mídia. Deste modo, parece errado mencionar uma única “cultura jovem”. A adolescência é um período de desenvolvimento da identidade social, sexual, emocional e física, não somente um período de crise e resistência (TELES et al., 2021).

Perrusi (2015) relata que o sofrimento psíquico é uma construção social, embora se expresse como individualizado. É pessoal porque é socializado dessa maneira. Talvez, o novo status social do sofrimento mental seja relevante, mas como uma negação. Afinal, fala-se do sofrimento para exorcizá-lo. Como a sexualidade, mostrou-se um espaço de prática e significado e, portanto, um espaço de conhecimento, identificação e distinção. Há reivindicações de sofrimento mental, individualismo e uso de substâncias psicotrópicas, que se contrapõem às reivindicações de valores relacionados à autonomia, desempenho, empreendedorismo, responsabilidade, adaptação, iniciativa, flexibilidade etc. os sintomas de falha e incompetência - má adaptação. Podemos chamá-lo de “barreira” do sofrimento, porque é perfeitamente captado pelo campo da saúde mental.

Salles (2005 apud NUNES, 2017) destaca que a tendência de prolongamento da adolescência e da juventude na sociedade contemporânea é crescente. O autor acredita que o tempo de estudo é prolongado, o tempo de trabalho é mais tardio e a composição familiar é atrasada. Segundo Rocha e Garcia (2008 apud NUNES, 2017), vivemos em um mundo “teen”, e a adolescência, indiscutivelmente, como ideal se apresenta como resposta ao mal-estar cultural por ser uma representação do ideal de liberdade, no qual os adultos sempre querem possuir. Os adolescentes de hoje representam a liberdade, perdidos na fantasia do prazer ilimitado. Todos idealizam a adolescência contemporânea como a liberdade de experimentar, de fazer novas escolhas, mesmo sem as responsabilidades do mundo adulto. Dessa forma, os adolescentes contemporâneos mostram que herdaram em certa medida o direito e o dever de gozar a vida e todas as liberdades que lhes são oferecidas (NUNES, 2017).

Adolescentes e jovens buscam construir uma autoimagem ainda muito instável e dependente do olhar alheio. A cultura contemporânea, com a espetacularização da vida privada, muitas vezes os mantém reféns em suas tentativas de construir espelhos de si mesmos nas redes sociais. Eles são mais vulneráveis à desqualificação, em uma sociedade onde as ferramentas de comunicação são usadas para reforçar o estigma, como o cyberbullying. Situações de humilhação e violência podem exacerbar experiências depressivas, sentimentos de solidão e desconexão com os outros (PRIETO, 2016).

Adolescentes e jovens adultos enfrentam o desafio de ingressar na vida adulta em um mundo contemporâneo cada vez mais exigente, onde imperam as relações competitivas e não encontram refúgio no sofrimento. Vivemos em uma sociedade individualista, com um declínio das redes de pertencimento, que demandam cada vez mais capacidades cognitivas e emocionais para enfrentar com um universo de relações. A sociedade globalizada cada vez mais complexa nos instiga a encontrar vias de uma vida capaz entre as relações do desejo e da realidade (PRIETO, 2016).

#### **4 ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS DA ADOLESCÊNCIA**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2020), a saúde mental é um estado de bem-estar no qual os indivíduos são capazes de usar suas habilidades para se recuperar do estresse cotidiano, ser produtivos e contribuir com a comunidade. Mas o que pode afetar sua saúde mental? Além dos fatores subjetivos, destacam-se os fatores socioculturais, ou seja, expectativas do ambiente social e cultural, influência da família, amigos, modelos sociais, fatores psicológicos – processos cognitivos, como níveis de resiliência a estressores, fatores biológicos – - genéticos, metabólicos e/ou fatores externos que afetam o organismo, etc. Sendo assim, a saúde mental não é apenas a ausência de doença mental, mas a saúde mental positiva envolve uma sensação de bem-estar psicológico que anda de mãos dadas com percepções saudáveis de si mesmo e das relações sociais ( RYFF et al., 1998).

O conceito sócio-histórico é o oposto do conceito baseado no liberalismo, onde o homem é concebido a partir do conceito de natureza humana. Será um possuidor natural como o conhecemos, permitindo que se torne uma pessoa à medida que se desenvolve. Assim, dentro de cada um de nós existe uma pessoa transcendental, uma pessoa potencial cujo desenvolvimento é previsto por sua própria condição de pessoa. Ambientes externos, sociais e culturais podem facilitar ou dificultar esse desenvolvimento. O ser humano é livre e dotado de potencialidades naturais que requerem condições suficientes para renovar, realizar e permitir a realização das potencialidades de uma dada natureza humana (BOCK, 2007).

Quanto à relação entre o homem e a sociedade, constatamos que a sociedade é sempre algo externo e independente do homem, devendo a sociedade se organizar para promover e facilitar o desenvolvimento potencial do homem. A sociedade é vista como algo contrário às inclinações naturais do homem, e sempre foi entendida e estudada como algo alheio à natureza humana por não fazer parte da natureza. Seu poder é o oposto das tendências humanas (BOCK, 2007).

Na visão sócio-histórica de referência, o homem é visto como um ser histórico, ou seja, em seu movimento, ao longo do tempo, constituído por relações sociais, condições sociais e culturais produzidas pelo homem. Um ser com características moldadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações, imerso nas relações e na cultura, a partir das possibilidades e impossibilidades da existência. Uma pessoa no tempo histórico, sua qualidade psicológica será determinada por esta situação. A relação pessoal/social é vista como uma relação dialética em que um constitui o outro. O homem se constrói construindo sua realidade (BOCK, 2007).

A sociedade torna-se fundamental para a compreensão da maneira como os humanos se apresentam; humanos. Seria impossível compreender o homem se não fosse sua relação com as formas de vida e as relações sociais. O fenômeno psicológico em si é histórico e permite compreender o que existe como padrão, uma coisa mutável, produzida por um determinado padrão de relações e critérios dominantes que impõe uma certa visão de saúde (BOCK, 2007).

A evolução histórica do homem constitui a unidade dialética de duas ordens essencialmente diferentes, mas uma implica a outra. Os deslocamentos produzidos por esse movimento dialético revelam o início de um intenso processo de desenvolvimento biológico que se constitui na infância, mas tais mudanças não são apenas dominantes no início, pois para o autor são ao longo da vida e do desenvolvimento biológico superadas pela apropriação da cultura (TOMIO, 2011).

O desenvolvimento ocorre por meio da constante interação com o meio social em que o sujeito vive, o que leva ao desenvolvimento de formas psicológicas mais complexas. Dessa forma, o desenvolvimento psicológico é mediado pelas relações com outros, possivelmente outros do mesmo grupo cultural. Essa mediação dita e define significados construídos pelos humanos e apropriados e representados pelos indivíduos (TOMIO, 2011).

Moreno (1992) entendendo as pessoas como seres essencialmente sociais, é nas interações sociais que as relações entre os indivíduos se tornam saudáveis ou patológicas. Assim, se Moreno vê as pessoas como seres sociais e em relações contínuas, sua concepção de saúde também está relacionada a fatores de interação social.

O homem é um ser completamente sociável, e suas interações com os outros são a base para a formação do indivíduo, pois o indivíduo é construído a partir das interações sociais (Mello & Teixeira, 2012 apud RIBEIRO, 2020). Segundo os autores, os humanos precisam se conectar com os outros porque interagem para desenvolver, aprender, ensinar, conectar, crescer e criar novos conceitos.

Para Leontiev (1978), as necessidades internas dos adolescentes chamadas "crises" estão impulsionando a maturidade pessoal. A crise é vista como uma ruptura, um salto qualitativo. À medida que os indivíduos mudam de posição no sistema de relações sociais, essas mudanças constituem, em última análise, a força motriz do desenvolvimento psicológico. Assim, o ambiente social dá ao indivíduo significado ao seu comportamento internalizado.

A família é um dos ambientes mais importantes e críticos em que ocorre o desenvolvimento humano (Rodrigo & Palácios, 2003). Até os dias de hoje, nada pode substituir o seu papel no desenvolvimento das pessoas, embora tenham surgido novas famílias e estilos de vida familiares (Serra, 2002). Os papéis de pais e filhos estão mudando um pouco, pois há adultos vivendo sob o mesmo teto que seus pais. Dessa forma, a tarefa de construir uma identidade não se desenvolve da mesma maneira que as gerações anteriores.

Obviamente, não importa quais os planos do adolescente, ele tende a buscar primeiro apoio na família. As famílias são um dos muitos facilitadores ou complicadores no processo de escolha, mas o mais importante, desempenha um papel fundamental na realidade dos adolescentes e deve ser levado em conta quando se trata de projetos de vida. Os adolescentes normalmente encontram apoio emocional e financeiro na família para realizar seus projetos (Santos, 2005).

Carvalho et al, (2003) mostram que nesse período de amadurecimento psicológico, físico e social, novas habilidades cognitivas, a aquisição de responsabilidades e a integração dos jovens em novos papéis sociais tornam-se mais aparentes. Com isso, as demandas e expectativas de familiares, amigos e comunidade de adolescentes são afloradas e, se exercidas em condições positivas e adequadas, podem promover o desenvolvimento gradual da autonomia, isso pode ajudar a apropriação da fase adulta deste jovem.

Portanto, é preciso alertar os adultos que eles têm uma enorme influência na construção e identidade da autoimagem dos adolescentes. Muitas vezes são aqueles que se autodenominam adultos que acabam julgando os adolescentes que não têm autonomia ou fazem orientações de si mesmos, impedindo-os de decolar e ostentando suas próprias construções e subjetividades. (CARVALHO et al., 2003).

Assim, pode-se concluir que os adolescentes têm como referências adultos, colegas, pais, mães, educadores, irmãos mais velhos ou mais novos que os ajudam a se auto-organizar, reconhecer e, por fim, orientar-se em ambientes sociais, psicológicos e biológicos. Eles passaram por várias inconstâncias e desafios, não se limitando a abrir mão de atributos infantis, mas envolvendo toda uma nova posição de ser, vivenciando emoções desconhecidas, habilidades reflexivas, interações sociais e, o mais importante, ressignificando sua concepção

de si, a partir de suas novas habilidades, isso definirá sua auto-imagem e conceito de sua própria identidade (ALVES, 2008).

Tardeli (2007 apud ALVES, 2008) descreve a formulação de Erickson de oito estágios do desenvolvimento humano em que cada indivíduo deve superar uma tarefa psicossocial. As quatro primeiras fases referem-se à infância, a quinta fase refere-se à adolescência e as outras três fases referem-se ao desenvolvimento adulto. O quinto estágio é a fase de remodelação da identidade em face da confusão de caráter. Nesta fase, Erickson acredita que uma crise de identidade fará com que o adolescente amadureça em sua determinação.

Os adolescentes precisam ser livres, mas precisam se sentir incluídos. Eles precisam do seu diferente e do seu semelhante. Eles precisam fazer parte de um grupo. Eles carregam força e vulnerabilidade, coragem e medo, integridade e efêmero. A incerteza também é uma conselheira permanente na construção de identidades adolescentes. Esses jovens se encontram em uma situação em que estão oscilando entre tudo e nada. Sua liberdade se refletirá em sua capacidade e direito de fazer escolhas, de poder escolher entre diferentes opções. (CARVALHO et al., 2003, p. 39).

Outra característica muito marcante da adolescência são as tendências grupais. Na busca pela identidade, os adolescentes se unem para encontrar a unidade, o que traz uma certa sensação de segurança e respeito pessoal. Nesse processo, há uma identificação grupal onde todos se identificam uns com os outros. Nesse sentido, grande parte da dependência que antes pertencia à família, principalmente aos pais, é transferida para o grupo. Além disso, “mesmo na idade adulta, as famílias persistem, dão sentido às relações sociais e atuam sobre as experiências de vida” (CAMPOS et al., 2017). Após passar por essa experiência grupal, o indivíduo poderá se distanciar do grupo e adotar sua identidade adulta.

No entanto, essa socialização mudou no início de 2020 quando fomos surpreendidos pelo coronavírus - COVID-19, colocar o mundo em quarentena, o distanciamento social foi necessário para conter a pandemia, é o que tirou muitas pessoas do modo automático ou das chamadas zonas de conforto e, como resultado, as pessoas começam a sentir ansiedade, pânico e momentos de angústia (RIBEIRO, 2020).

Nesse sentido, segundo a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde (2020 apud RIBEIRO, 2020), ficar em casa foi a solução para nos proteger do contágio ou de contagiar, durante esse momento surgem então ansiedade, preocupação, medo, pânico, e assim ocorrem mudanças na qualidade do sono, já que não são tão reparadores como antes, o cansaço, o tédio e o conflito com que as famílias têm de lidar, a incerteza do amanhã, todos estes fatores,

sem dúvida, a reduziram a qualidade de vida e o bem-estar e a prejudicou o corpo das pessoas e saúde mental.

Entre as medidas de distanciamento social, o fechamento de escolas, clubes, academias, shoppings, praias e parques são os mais destacados para esse grupo. Como resultado, eles ficam confinados em ambientes domésticos, incapazes de se conectar fisicamente com seus pares, e podem aumentar a necessidade de jogos virtuais, acesso a vídeos e uso de redes sociais (BALHARA et al., 2020 apud PIMENTEL, 2022).

Dessa forma, o distanciamento social forçado é uma das principais medidas de saúde para achatar a curva de poluição do COVID-19, com adolescentes e crianças experimentando maior solidão, impactos negativos na saúde mental por meio de sintomas como ansiedade, depressão, barreiras do sono e apetite (YOSHIKAWA H et al. 2020). Devido ao distanciamento social, o isolamento social pode levar à depressão, irritabilidade, desconexão emocional, nostalgia e tédio (OLIVEIRA et al., 2020).

## **5 FRAGILIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DO ADOLESCENTE**

O distanciamento social pode ser entendido como uma estratégia não farmacológica que inclui o isolamento de casos, o distanciamento de contatos e a não participação voluntária em ambientes lotados (QUALLS et al., 2017). Como estratégia, o distanciamento inclui o distanciamento social, que por sua vez inclui a separação dos doentes dos não infectados (AQUINO et al., 2020). No entanto, se o distanciamento social é eficaz para controlar o crescimento exponencial da doença e proteger os sistemas de saúde do colapso, pois a demanda supera a oferta, por outro lado, essa estratégia teve repercussões, e os determinantes sociais e econômicos foram impactados, pois constituem um fator limitante para a estratégia (NATIVIDADE et al., 2020).

Em relação aos efeitos do distanciamento social, alguns estudos apontam para um aumento no uso de mídias sociais e internet entre adolescentes (DESLANDES et al., apud SANTOS, 2021). As vulnerabilidades causadas pelo uso indiscriminado incluem transtornos de atenção, transtornos obsessivo-compulsivos e de ansiedade, além de problemas de linguagem e comunicação que afetam diretamente o aprendizado. Além disso, a tecnologia pode se tornar um fator de isolamento social, afetando as habilidades sociais dos adolescentes, que podem ter dificuldade em distinguir entre o mundo real e o virtual (SILVA & SILVA, 2020 apud SANTOS, 2021).

Da mesma forma, em termos de interação social, as redes permitem a interação com um grande número de pessoas, mas também levam inevitavelmente a uma redução da comunicação interpessoal no ambiente doméstico e físico. É o que Shiozawa e Uchida (2020) apontaram quando alertaram que o tempo gasto em interações face a face diminuiria, fator que pode contribuir para o desenvolvimento de problemas psicológicos. De fato, para os autores, mais tempo gasto nas mídias sociais criava uma imagem distorcida de si mesmos e exacerbava os sintomas depressivos.

Durante a pandemia, porém, surge uma questão que nos faz refletir sobre as condições que os adolescentes devem encontrar para se estabelecerem e entrarem na vida adulta, pois segundo Lesourd (2004), para isso é necessário identificar outras experiências. Acreditamos que este processo que foi enfrentado atualmente em decorrência do distanciamento e isolamento social exigido como medida de proteção contra o COVID-19, principalmente para aqueles que foram excluídos da possibilidade de uso continuado das redes sociais por dificuldades de acesso.

Por meio desse depoimento de Lesourd (2004), podemos perceber o quão importante é o espaço social para os adolescentes expressarem as características que estão enfrentando no momento. Nesse sentido, a escola parece ser um espaço que possibilita o encontro com o outro, o pequeno outro (semelhante), e consigo mesmo, e para o adolescente geralmente não existe outra razão senão como "[...] onde o sujeito está presente, visível, e onde se espera que ele seja desafiado pelos adultos que estão ali" (LESOURD, 2004, p. 286).

Por exemplo, alguns estudantes adolescentes, embora não pertençam a um grupo considerado de risco, têm sofrido muito com o impacto da pandemia porque, segundo Oliveira (2020 apud MENDES, 2021), estão num momento da sua vida em que são necessários seus pares, sua independência, socialização e autonomia para alcançar a próxima etapa de suas vidas, que é difícil no momento.

Diante das realidades cambiantes próprias da adolescência, os adolescentes encontram-se em busca de novos padrões para construir uma identidade que possa aliviar a dor vivenciada, que está em grande parte relacionada à “separação” parental da infância. É a partir dessas novas identidades que o adolescente formará sua identidade e se integrará aos laços sociais. Nessa conjuntura, amigos, grupos e até ídolos podem ter um papel fundamental nesse caminho (MENDES, 2021).

Segundo Miranda (2001, p. 199), “a busca obstinada do grupo começa no momento em que os jovens são ameaçados por pais, professores e autoridades sociais que exigem comportamentos, compromisso e responsabilidade”. Essas demandas são de natureza



persecutória, pois quando solicitados a se posicionar, os jovens terão que se perguntar sobre seus desejos. Essa não é uma proposta fácil para os humanos, e mais ainda para os adolescentes que passaram por tantas transições.

Assim, tudo o que é um ponto de interesse comum entre os homens pode levar a esse estado de relacionamento compartilhado, explicando que seu comportamento de massa continua sendo pautado por uma mentalidade de grupo, identificando-se com o jogo que se cruza e responsabilizando-se pelos vínculos que se estabelecem (MENDES, 2021).

Nesse contexto, Lesourd (2004) se refere ao ídolo, descrevendo a importância da figura para a construção de vínculos sociais entre os adolescentes e para a reconstrução do eu ideal, que perde sua imagem na adolescência com a descoberta incompleta das imagens parentais. No entanto, o autor deixa claro que essas novas formulações não devem se referir à imagem parental, mas sim, “[...] aqueles que se opõem aos ídolos acalentados pelos pais, esses ídolos caídos, serão especialmente apreciados” (LESOURD, 2004, pág. 81).

Portanto, esse grupo desempenha um papel importante na vida dos adolescentes. Conectados por um vínculo comum, os participantes veem em outra pessoa em quem podem confiar, conversar e compartilhar os impasses e experiências desta época em prol da identificação, construindo suas identidades e jornadas para a vida adulta. Além disso, o grupo ajuda os adolescentes a influenciar e articular a distância da imagem de seus pais, necessárias para a sua constituição psíquica (MORETTO, 2013).

Moretto (2013, pág. 165) descreve que, nesse período, os adolescentes podem atribuir aversão ao próprio pai ou a outro adulto como forma de se afirmar e manter uma personalidade ainda pouco desenvolvida. Nesse caso, o grupo, como meio para o sujeito exteriorizar e compartilhar seus sentimentos, funciona como “[...] um espelho no qual o adolescente vê suas próprias dificuldades e conflitos no grupo por meio do grupo. Por si só, um adolescente pode expressar suas inseguranças, testar novos papéis, articular seu luto e continuar a formar sua identidade adulta”.

Assim, no ambiente escolar, é comum ver grupos de adolescentes com identidades próprias que se desenvolvem à medida que descobrem novas afinidades e interesses semelhantes. Nesse caso, o grupo adquire as características de homogeneidade e unidade, Como forma de proporcionar segurança e respeito social, seus integrantes possuem uma identidade diferente do ambiente familiar. O vínculo, assim, torna-se cada vez mais forte e dá ao adolescente um sentimento de pertencimento, tornando-o menos vulnerável e solitário (MENDES, 2021).

Coutinho (2015) aponta que a escola aparece como um dos espaços que permite essa conexão com o sujeito, no eixo de uma relação horizontal com seus colegas. Dessa forma e com base em tudo o que foi exposto, isso nos leva a mostrar que, além de espaço de aprendizagem, a escola também se constrói como local de socialização e interação, auxiliando os alunos na adolescência e, para muitos deles, continua a ser um dos únicos locais onde podem encontrar condições favoráveis para momentos de passagem.

Para a DUTRA et al. (2020, p. 293-301), o desenvolvimento humano é um momento de aprendizagem que ocorre na interação entre o indivíduo e o meio sociocultural que o cerca, ou seja, para sermos humanos, precisamos da ajuda de outro ser humano, pois as funções mentais humanas se originam de processos sociais. Em situações epidêmicas, o número de pessoas afetadas psicologicamente é muitas vezes maior do que o número de pessoas infectadas, e estima-se que entre um terço e metade da população pode ter consequências psicológicas e psiquiátricas se não receber cuidados adequados (LIMA, 2020). No momento passado pela pandemia, de acordo com a declaração da OMS sobre a situação epidemiológica no mundo, foram necessárias medidas de precaução para evitar a propagação crescente da doença. Dessa forma, os adolescentes começam a perder o contato com seus pares, prejudicando seu desenvolvimento e sua saúde mental (SOUTO, 2021).

De acordo com MIRANDA (2021), as faltas crônicas à escola devido à experiência de incerteza trazida pela pandemia tiveram um grande impacto na saúde mental de crianças e adolescentes em todo o mundo e interferiram em seu desenvolvimento global e na mudança da sociedade. Embora o fechamento de escolas seja a forma mais óbvia de impacto sobre os adolescentes, não é o único fator que os afeta. Quando combinado com os estressores de viver em isolamento, traz consequências como atraso no desenvolvimento cognitivo, emocional e social e aumento do risco de problemas psicológicos em adolescentes.

No que diz respeito às interações humanas envolvendo contato físico, milhares de pessoas tiveram que se ajustar repentinamente à nova realidade de distanciamento e isolamento social. As famílias passaram a conviver com os filhos 24 horas por dia, pois anteriormente, na maioria das vezes, permaneciam em instituições de ensino (DA SILVA, 2021).

Novas mudanças nas formas de trabalhar, aprender, brincar e principalmente nas interações devem ser reajustadas (ESTEFENON et al., 2020 apud DA SILVA, 2021). Diante dessa nova situação, embora estudos tenham mostrado que adolescentes têm a menor suscetibilidade à COVID-19 ou seus sintomas mais leves, esses públicos também são afetados em outros contextos. Adolescentes diretamente afetados pela pandemia, seja por meio de

enxurradas de informações ou mudanças bruscas em suas rotinas diárias, podem levar a altos níveis de estresse, ansiedade e até depressão (GHOSH et al., 2020).

Por meio do posto, através de uma perspectiva sócio-histórica, o sujeito é visto como um ser social, construtor de si mesmo, e com base na concepção vygotiskiana de experiência revelada por Toassa (2009 apud DA SILVA, 2021), referindo-se a como o sujeito participa do mundo exposto para ele, e seu mundo interior, que sua realidade espiritual tem uma conexão que ajuda o sujeito a compreender e tomar consciência do que lhe é colocado.

O novo fechamento das portas do seio familiar deve proporcionar às crianças novas oportunidades de experiência para nutrir as emoções necessárias ao seu desenvolvimento social e nascimento cultural. Pois, segundo Espinosa (2007 apud DA SILVA, 2021), quando o sujeito está conectado ao mundo, há uma forma de criar e adquirir uma marca nessa interação, e isso só é possível quando uma situação já foi vivenciada, mas na situação atual, não todos os assuntos irão afetar e marcar você mesmo que eles experimentem situações diferentes de maneiras considerável a ponto de haver uma modificação, criação e constituição de afetos de maneira profunda (MARQUES, 2017).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo compreende o impacto do isolamento social no contexto biopsicossocial de adolescentes. Esse interesse pela questão de pesquisa descrita surgiu como resultado do avanço da Covid-19, que levou à pandemia, e consequente isolamento social na população. Assim sendo, pode haver um impacto nos adolescentes que vivenciaram o isolamento social, fazendo com que seu comportamento recue por não querer mais estar em um ambiente social, preferindo ficar em casa, e também enfrentar sentimento de tristeza, ansiedade e preocupação com a situações passadas.

Os resultados desta pesquisa revelam que as experiências dos adolescentes durante a pandemia do COVID-19 permanecem pouco. Nesse sentido, diante da definição ampliada de adolescência, há necessidade de pesquisas que possam avaliar as características sociais que influenciaram a saúde individual e coletiva dos adolescentes e suas famílias que conviveram durante o distanciamento social. Recomendam-se estudos epidemiológicos de populações adolescentes, bem como estudos que captem as nuances das experiências subjetivas dos adolescentes quando confrontados com questões que levam ao medo, incerteza e insegurança. Estes são projetados para educar os jovens sobre medidas de higiene para controlar a

contaminação, ou para incentivar o desenvolvimento de um senso de responsabilidade social baseado no autocuidado e no cuidado com os outros.

Diante da diversidade de vínculos sociais e sua intersecção como segmento significativamente afetado pelas diversas questões atuais do país, incluindo desigualdade social, saúde, educação, política, violência e exclusão, é fundamental orientar os esforços sistêmicos dos adolescentes. Isso mostra a importância de se estudar o tema da adolescência e seus conceitos desde o início até a atualidade, a fim de buscar compreender o contexto vivenciado atualmente a fim de alcançar uma reflexão que contribua para a melhor atuação dos profissionais de psicologia. Além disso, no que se refere ao conhecimento das teorias específicas do adolescente, percebe-se que há uma ligação extrema à formação de vínculos sociais cada vez mais pautada nas perspectivas cibernéticas sociais contemporâneas.

Diante disso, fica claro que a pandemia exacerbou a vulnerabilidade dos adolescentes e suas famílias, além de limitar o acesso aos sistemas de apoio, aumentando o risco de problemas psicológicos e conflitos familiares, resultando em menor interação social, incerteza e medo. Assim como o surgimento de estresse, ansiedade e sintomas depressivos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, GABRIELA MACIEL. A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. **Trabalho de conclusão de curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina–SC**, 2008. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>

ALYRIO, Rovigati Danilo. Métodos e técnicas de pesquisa em administração. **Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ**, p. 58-60, 2009.

AQUINO, Estela ML et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. suppl 1, p. 2423-2446, 2020.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 63-76, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>>. Epub 04 Nov 2010. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

CAMPOS, Simeia Rodrigues; GOTO, Tommy Akira. Os conflitos e valores na juventude: transição para a maturidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 23, n. 3, p. 350-361, 2017.

CARNEIRO, Virginia Teles; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. ADULTEZ EMERGENTE: UM FENÔMENO NORMATIVO?. **Revista Saúde & Ciência Online**, v. 4, n. 1, p. 32-40, 2015.

CARVALHO, Alysson Massote; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília Marques. Adolescência. Belo Horizonte: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 2003. 122 p.  
COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. **Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)**, v. 37, n. 33, p. 155-174, 2015.

DA SILVA LIMA, Igor Daniel; DE LIMA GOMES, Thais Mendes; DA SILVA, Jéssica Kelly Alves Machado. INTERNET E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA NA POPULAÇÃO INFANTO-JUVENIL: UMA REFLEXÃO NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS BRASILEIRAS. **Gep News**, v. 5, n. 1, p. 376-385, 2021.

DE OLIVEIRA, Mônica Reis. Estudos sobre a adolescência e os conflitos sociofamiliares. 2018. Acessado: dia 23/09/2022 as 13:44

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos; DE ALVARENGA, Augusta Thereza. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Journal of Human Growth and Development**, v. 7, n. 2, 1997. Acessado: dia 23/09/2022 as 11:09

DOS SANTOS, Catiele. Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. **Holos**, v. 3, p. 1-14, 2021.

DUTRA, Joyce Luzia Chaves; CARVALHO, Natália Cristina Correa; SARAIVA, Thamires Aparecida Rodrigues. Os efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental das crianças. **Pedagogia em Ação**, v. 13, n. 1, p. 293-301, 2020.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005.

GHOSH, R. et al. Impact of COVID-19 nas crianças: foco especial no aspecto psicossocial. **Minerva Pediatr. junho de**, v. 72, n. 3, p. 226-35, 2020.

LEONTIEV, Alexei Nicolaevich; DUARTE, Manuel Dias. **O desenvolvimento do psiquismo**. 1978.

LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 286p.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020.

LUCAS, Lílian Schwanz et al. Impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: orientações o departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. **Debates em Psiquiatria**, v. 10, n. 2, p. 74-77, 2020. DOI: 10.25118/2236-918X-10-2-8. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/34>. Acessado dia: 08/09/2022

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. Perejivânie (vivência), afetos e sentidos na obra de Vigotski e na pesquisa em educação. In: **Formação de professores: diálogos. EDUCARE:**

**XIV Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR, Curitiba. 2017. p. 6774-6786.**

MENDES, Marcos Venancio et al. Adolescência, escola e pandemia: contribuição da psicanálise à educação. 2021.

MIRANDA, Juliana de Oliveira Freitas; MORAIS, Aisiane Cedraz. A COVID-19 na vida de crianças e adolescentes brasileiros: poucos sintomas e muitos impactos. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 6-7, 2021.

MIRANDA, Margarete Parreira. Adolescência na Escola - **Soltar a corda e segurar a ponta**. Formato Editorial, Belo Horizonte, 2001, 223p.

MONTEIRO, Ana Ruth Macêdo et al. Sofrimento psíquico em crianças e adolescentes: a busca pelo tratamento. **Escola Anna Nery**, v. 16, p. 523-529, 2012.

MORENO, J. L. (1992). *Quem sobreviverá?* Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. 1. ed. brasileira. Goiânia: Dimensão Editora.

MORETTO, Cybelle Carolina. **Experiência com um grupo de adolescente: Um estudo psicanalítico**. (Tese) Centro de Ciências da Vida – PósGraduação em Psicologia, Campinas: PUC Campinas, 2013. 165p

NATIVIDADE, Marcio dos Santos et al. Distanciamento social e condições de vida na pandemia COVID-19 em Salvador-Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3385-3392, 2020.

NUNES, Caroline Maria; GARCIA, Edna Linhares. Qual o lugar do adolescente na sociedade contemporânea?. **Boletim Entre SIS**, v. 2, n. 2, p. 70-84, 2017.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

PRIETO, Daniela Yglesias C. Precisamos falar sobre suicídio na adolescência. 2016. Acessado: dia 22/09/2022 as 10:25

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Humano (12ª edição). **São Paulo: Artmed**, 2013.

PERRUSI, Artur. Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: saúde mental e individualidade contemporânea. **Tempo social**, v. 27, p. 139-159, 2015.

PIMENTEL, Tulia Juliee Malcher; MARTINS, Maria Das Graças Teles. OS IMPACTOS DA PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES.

QUALLS, Noreen et al. Community mitigation guidelines to prevent pandemic influenza—United States, 2017. **MMWR Recommendations and reports**, v. 66, n. 1, p. 1, 2017.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Claudia. Psicologia do Desenvolvimento, volume 1, Teorias do desenvolvimento: Conceitos Fundamentais. **São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária**, 1981.

RIBEIRO, Eliane Gusmão et al. Saúde mental na perspectiva do enfrentamento à COVID-19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento social. **Rev Enfermagem e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 47-57, 2020.

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira et al. Representações sociais e sofrimento psíquico de adolescentes com sintomatologia depressiva. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 18-33, 2012.

RODRIGO, M. J. & Palácios, J. (1998). Família y desarrollo humano. Madrid: Alianza Editorial.

RYFF, Carol D.; SINGER, Burton. The contours of positive human health. **Psychological inquiry**, v. 9, n. 1, p. 1-28, 1998.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em estudo**, v. 10, p. 57-66, 2005.

SCHOEN-FERREIRA, TERESA HELENA. **A adolescência e a formação da identidade: uma proposta de avaliação e intervenção**. 2007. Tese de Doutorado. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Aplicadas à Pediatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.metuia.ufscar.br/estado-da-arte/prioridade/teresa-helena-schoen-ferreira.pdf>

SERRA, E. (2002). Adolescência: vivir fuera del tiempo. Curso de especialização em adolescência. Universidade de Valência.

SHIOZAWA, Pedro; UCHIDA, Ricardo Riyoiti. Social media during a pandemic: bridge or burden?. **Sao Paulo Medical Journal**, v. 138, p. 267-268, 2020.

SILVA, Thayse de Oliveira. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. 2017.

SOARES, Gênesis Guimarães. Sofrimento psíquico e adolescência: reflexões acerca dos sentidos atribuídos à adolescência. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 4, n. 10, p. 100-107, 2020. Acessado: dia 18/09/2022 as 11:19

SOUTO, Roberta Ribeiro et al. Prejuízos na saúde mental em crianças e adolescentes no contexto da pandemia do Covid-19 Mental health harms in children and adolescents in the context of the Covid-19 pandemic. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 25146-25158, 2021.

TELES, PAULA MIRANDA; TEIXEIRA, MARIA THEREZA NÓBREGA PEREIRA. SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ADOLESCENTES CONTEMPORÂNEOS PSYCHIC SUFFERING IN CONTEMPORARY ADOLESCENTS. Acessado: dia 18/09/2022 as 10:17

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Teoria e prática da Educação**, v. 12, n. 1, p. 89-100, 24 ago. 2011